

PENSE, DANCE & SUBVERTA: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS MUSICAIS E OS IMPACTOS NAS NORMAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

GUSTAVO PIRES¹; MARCIO RODRIGO VALE CAETANO²;

¹Universidade Federal de Pelotas – gustavoppires7@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – mrvcetano@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste de um resumo do Anteprojeto de Mestrado do mesmo autor, psicólogo pela Universidade Federal de Pelotas e aprovado para o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da mesma instituição no semestre de 2024/2. Dessa forma, iremos dialogar com diversas áreas do conhecimento, principalmente, neste momento, com a psicologia, estudos de gênero e sexualidade, arte e um direcionamento para a área da Educação e processos de educabilidade.

O arcabouço teórico da pesquisa parte da reflexão sobre como nossas identidades, bem como a forma de nos expressarmos e vivenciarmos o gênero e a sexualidade na nossa sociedade nos são ensinadas correspondendo, principalmente, à uma norma hegemônica. A (re)produção destas expectativas são organizadas por relações de poder (AYOUCHE, 2015) transmitidas geracionalmente e ao longo das vidas, adjuntas de um senso de autoconservação da branquitude, do patriarcado e da cisheteronormatividade (FAVERO, 2020). Seja através das pedagogias que operam no ambiente familiar, nas escolas, na política ou em qualquer outro âmbito, sempre somos apresentados a uma visão reducionista da realidade e das possibilidades de vivências e escolhas - nos remetendo à docilização dos corpos (FOUCAULT, 1977), dos comportamentos e das ações de sujeitos no mundo.

No entanto, refletimos: é possível que o contato com uma cultura dissidente possa contribuir para romper com essa lógica estruturada por relações de poder violentadora de subjetividades? Encontramos, num acervo à nível nacional de artistas mulheres e homens trans e travestis como Linn da Quebrada, JUP Do Bairro, Liniker, Urias, Johnny Hooker, Jaloo, e internacionais como Arca, SOPHIE, etc., diversas composições que subvertem lógicas de desumanização comumente associada à pessoas trans e desafiam o *cis-tema* ao usarem o espaço artístico para movimentarem a visão sobre minorias sociais - grande parte deles, inclusive, faz isso trazendo uma intersecção com raça, religião e sexualidade. Seus trabalhos se tornam um espaço de resistência onde, a partir de suas vivências e transformações, apresentam novos sentidos representativos para a cultura - ao mesmo tempo que colocam a norma para diálogo, de forma implícita ou não.

O principal ponto da pesquisa baseia-se em refletir como os processos de educabilidade estão influenciados pelas estruturas de poder hegemônicas e como isso se relaciona diante da dissidência manifesta na cultura popular - especificamente arte musical produzida por mulheres trans, homens trans e travestis e seus processos constitutivos e de transformação ao longo da vida. Logo, busca-se investigar sobre como se dá o confronto de uma subjetivação “dada” pela norma e a *representação do dissidente* por meio da cultura na cidade de Pelotas/RS e os eventos LGBTQIAPN+ aqui produzidos, procurando localizar possíveis rupturas com as normas de gênero e sexualidade que corroboram para uma conservar uma sociedade lgbtqia+fóbica.

2. METODOLOGIA

Foi utilizado o método psicanalítico, um tipo de produção onde se constrói um caminho de pesquisa a partir das reverberações insurgentes no encontro entre a pessoa pesquisadora e o referencial teórico/objeto de pesquisa (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006). Segundo estes mesmos autores, ao analisarmos um campo sociocultural e seus fenômenos com esse método, como aqui abordaremos a música enquanto manifestação cultural/artística e seus efeitos sociais em relação às normas de gênero e sexualidade, estamos assumindo uma posição de colocar em jogo a possibilidade de cada aspecto no caminho ser transformado, estando abertos às possíveis mudanças em nossos rumos.

Estamos de acordo em adotar uma metodologia que se dá no encontro, na articulação produto de uma “brecha analítica”, onde se abriram os encaixes entre o “eu” e o “campo” (FAVERO, 2020). Assim, as questões de gênero abordadas neste trabalho são influenciadas pela minha posição corporificada (HARAWAY, 1995) enquanto um pesquisador homem, branco e cisgênero, e os efeitos singulares produzidos por esses marcadores na minha subjetividade - que me coloca num lugar de privilégio sob uma perspectiva única. No entanto, é justamente destacar que a metodologia de envolvimento com a pesquisa está sob limitações da minha própria objetividade parcial posicionada - ou simplesmente saber localizado (HARAWAY, 1995) - que pensamos poder problematizar o campo e criar possíveis intervenções com maior responsabilidade, já que teremos em mente determinados impactos e limites agenciados neste encontro.

Além desse envolvimento teórico de pesquisa, pretende-se propor observações e entrevistas que, além de envolver ainda mais o pesquisador no tema, promove uma perspectiva viva e latente de como se reproduzem nossas bases teóricas representadas em corpos sociais e situados num espaço delimitado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Consideramos importante destacar que os resultados do nosso trabalho, neste momento inicial do processo de mestrado, se trata dos principais referenciais teóricos aos quais nos ancoramos e que subsidiam a possibilidade de abertura para o desenvolvimento desta pesquisa.

Inicialmente, concordamos que nosso estudo trata de assumirmos uma posição epistemológica de retornarmos a visão para as bases das relações sociais: os sistemas de poder que procuram, a todo custo, a autoconservação, e se reproduzem em praticamente todas as instâncias sociais. É justamente este insistir em conservar um molde de existência que caminhe na linha das práticas reguladoras (BUTLER, 2018), sem considerarmos a quem ou ao quê isso serve, que nos faz ter a urgência de pensar novas formas de subjetivação que não reproduzam essas lógicas.

BUTLER (2018) propõe que, se antepondo ao discurso da identidade num sentido amplo e geral, precisamos debater a identidade de gênero, pois é a partir da aquisição do gênero que a pessoa, de fato, se torna inteligível. Assim, a identidade se define não só como uma característica descritiva, mas como um ideal normativo (BUTLER, 2018) consoante às práticas reguladoras, estas que buscam preservar a coerência entre o genital, sexo biológico e o gênero

produzido na cultura. Podemos considerá-la um marcador que opera se inserindo numa matriz discursiva encoberta pela norma (FAVERO, 2022), o que produz efeitos sobre todos os corpos. Em outras palavras, independente da identidade de gênero, todos nós somos formados/regulados a partir da métrica cisheteronormativa, onde existe uma legitimação do que é ser homem ou mulher (cis) e formas possíveis para performar esses dois gêneros, criadas para serem “coerentes” ao sexo genital daquela pessoa - e conservando o sentido reprodutivo. Se há esse “alinhamento”, a pessoa é reconhecida, obtém privilégios e está menos suscetível a sofrer violências de gênero. Porém, nos perguntamos: o que resta para as vidas dissidentes? Pessoas que não se alinham à norma?

Nos atentamos às diversas transformações culturais e a influência trans em ascensão em diversos espaços nos últimos anos, estas que desafiam o espaço de subjugação e marginalização comumente destinado à vidas de pessoas não cisheteronormativas. Seja na política, na cultura, nos ativismos e também no meio acadêmico, Erika Hilton, Duda Salabert, Jota Mombaça, Laerte Coutinho, JUP Do Bairro, Lina Pereira e Sofia Favero são exemplos de protagonismo em relações de poder e subvertem lógicas de patologização e exclusão trans em seus respectivos campos (mesmo que com muita necessidade de resistência). Percebe-se, mesmo aos poucos, que os valores tradicionais e conservadores cisheteronormativos estão sendo ocupados por uma face de resistência e de resignificação, onde há uma abertura maior para a posicionalidade, a presença e os feitos de corpos dissidentes que antes eram colocados imediatamente em um lugar de invisibilização e violências pelas imposições da cultura dominante da elite.

Ao analisarmos o cenário de lazer local na cidade de Pelotas/RS, percebemos um crescimento de eventos voltados ao público LGBTQIAPN + nos últimos anos, mesmo que ainda aconteça praticamente apenas em espaços “*underground*”. Inspirados pela necessidade demandada pela cena dissidente local de inclusão e reinvenção de ambientes que rompam com a bolha tradicional cisheteronormativa, foi produzida por mim e outros parceiros uma festa autoral denominada *Cunt Club*. Segundo a própria descrição tecida na época, “*transcende níveis de gostos e interesses, emergindo para movimentar a cena da cultura pop como um ato político imbricado especialmente na representatividade de raça, gênero e sexualidade e sua liberdade de expressão (...)*”. Pessoas negras, trans, travestis e drag queens como convidadas, além da comunidade LGBTQIAPN + em geral (como público massivo principal, além da curadoria realizada a partir de artistas que também compõem a sigla) criaram uma repercussão nas redes sobre a importância do movimento que prioriza criar espaços seguros para corpos dissidentes se expressarem da forma que quiserem. “*Vamos ser viados pra sempre!*”, escreveu um convidado finalizando um grande texto refletindo sobre como se sentiu acolhido no evento. Concordamos com FAVERO (2022), quando ela diz que, conhecer e frequentar estes espaços é uma forma de chegarmos nos nossos objetivos de desocidentalizar e descolonizar nossas escutas.

É nesse sentido que procuramos nos aprofundar nas investigações sobre os efeitos de produções e a influência da música surgindo enquanto um movimento cultural inclusivo, mensageiro e libertador das formas plurais de ser e estar no mundo. Pensamos que é possível realizarmos este movimento de pesquisa nos/dos/com os cotidianos (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018), compreendendo sua complexidade e buscando todas as formas e linguagens possíveis para nos inserirmos nestes espaços, analisarmos as práticas e

“investigar as relações e tensões sociais, desocultando mecanismos de controle e subordinação” (p. 97). É nesta brecha do ato de pesquisar que podemos buscar refletir sobre quem somos, quem nos tornamos e os sentidos atribuídos às nossas vivências, bem como buscar desmistificar as operações de poder que (de)limitam nossas experiências (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018).

Reiteramos que, a partir das novas vivências e conhecimentos adquiridos agora na área da Educação, estaremos dispostos a redirecionarmos nossos horizontes acerca dessa temática, nos ancorando em novos referenciais e caminhos possíveis para trabalharmos as questões levantadas.

4. CONCLUSÕES

O presente trabalho busca apresentar um projeto de pesquisa aprovado para o PPGE/UFPEL, principalmente elucidando o caminho traçado para chegarmos nas propostas e objetivos tidos como principais. Compreende-se o estágio inicial da escrita e a necessidade de, a partir de orientações individuais e coletivas e aprofundamentos práticos e teóricos, delimitar o trabalho a ser feito de uma forma condizente com o programa, seus principais referenciais e os prazos estabelecidos. Ademais, preza-se, sobretudo, usar da teoria, da arte musical e de espaços LGBTQIAPN + para reforçar a importância de causar rupturas nos processos de reprodução das normas de gênero e sexualidade que contribuem para agenciar violências e uma sociedade de retrocessos e inibições das plurais maneiras de se viver.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYOUC, Thamy. Da transsexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. *Percurso - Revista de Psicanálise*, V. 54, ano xxviii : junho de 2015, p. 23-32. Disponível em: <https://hal.science/hal-01498414>. Acesso em: 17 out. 2023.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** / Judith P. Butler; tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. [recurso eletrônico].
- FAVERO, Sofia. Pesquisando a dor do outro: os efeitos políticos de uma escrita situada. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei , v. 15, n. 3, p. 1-16, set. 2020 . Disponível em . Acesso em: 16 out. 2023.
- FAVERO, Sofia. **Psicologia Suja**. - 1.ed. - Salvador, BA: Devires, 2022.
- FERRAÇO, C.E., SOARES, M.C.S., AND ALVES, N. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação** [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018, 109 p. ISBN 978-85-7511-517-6. <https://doi.org/10.7476/9788575115176>.
- FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo , v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 jan. 2024.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, (5), 7-41, 1995.